

A pintura paisagista em sala de aula como forma de despertar a consciência histórica e estética do educando

José Iremar Rodrigues Gomes¹

RESUMO: O trabalho descreve o resultado de uma experiência realizada com alunos da EJA cujo objetivo era explorar a educação patrimonial como tema transversal. Entenda-se educação patrimonial, a valorização dos prédios e monumentos, de relevância arquitetônica e artística, desaparecidos do cenário urbano de João Pessoa/PB. Após observarem várias paisagens de autores paraibanos, os alunos realizaram pinturas em óleo sobre tela e em camisetas, com desenhos dos prédios e monumentos, sinalizando a data da sua demolição e o nome do projeto. A relevância da experiência consistiu, principalmente, em ter oportunizado aos estudantes a compreensão e valorização do patrimônio histórico e artístico pessoense.

Palavras –chave: pintura paisagística, memória arquitetônica e ensino de artes plásticas.

ABSTRACT: *The work describes the result of an experience accomplished with students of the EJA whose objective was to explore the patrimonial education as traverse theme. Understand each other patrimonial education, the valorization of the buildings and monuments, of architectural and artistic relevance, disappeared of João Pessoa/PB's urban scenery. After they observe authors' of Paraíba several landscapes, the students accomplished paintings in oil on screen and in /shirts, with drawings of the buildings and monuments, signaling the date of his/her demolition and the name of the project. The relevance of the experience consisted, mainly, in having offered to the students the understanding and valorization of the historical and artistic patrimony of João Pessoa.*

Key-words: *landscapes pictures, architectural memory and teaching of plastic arts.*

INTRODUÇÃO

Artes visuais em situação de escolarização

A experiência com o gênero paisagem em sala de aula da educação básica requer, antes de tudo, que os sujeitos envolvidos no processo (professor e aluno) tenham consciência do macrocontexto em que este gênero está inserido – o de arte visual. A compreensão de arte visual em situação de escolarização exige considerações acerca de concepções em torno do processo de criação em artes visuais, da função social da arte e de pensar em perspectivas metodológicas para o Ensino de Artes Visuais.

¹ Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción Facultad de Ciencias Jurídicas Políticas y de la Comunicación/ Paraguay. E-mail: professorjoseiremar@gmail.com

Para se entender o processo de criação, faz-se necessário retomar ao conceito de arte. Em sua acepção etimológica, a palavra arte deriva do latim *ars* e associa-se ao correlato grego *techne*, o que pressupõe uma espécie de atividade humana mediada por regras. Platão, ao refletir sobre mimese, foi um dos grandes pensadores a abrir caminhos no estudo da criação artística. No Livro X da *República*, o filósofo faz distinção entre o artesão e o pintor. O primeiro fabrica um objeto a partir de uma relação de identidade, enquanto que o segundo reproduz apenas um aspecto do objeto, a partir de uma perspectiva que ele julgar necessária. Lacoste (1986, p. 12) discutindo essa perspectiva platônica, considera que “o pintor imita o real, não como este é, mas como aparenta ser. [...] A pintura define-se, pois, por seu distanciamento do real e do verdadeiro, produz um simulacro, um ídolo”. Assim, a criação artística, fundada na representação da realidade, visa atender uma necessidade humana de percepção e modificação de uma realidade particular e/ou coletiva que nos cerca. Ao se ver representado artisticamente, o ser humano torna-se consciente de sua existência social.

Para Chauí (1996: 316), o que existe de espantoso no processo de criação artística, de um modo geral, é que a arte não se esgota na representação pura do mundo, mas opera uma revelação, recriando a realidade “noutra dimensão e de tal maneira que a realidade não está aquém e nem na obra, mas é a própria obra de arte”. Partindo deste princípio, entende-se que o registro do processo de construção ou desenvolvimento de uma obra de arte através de fotografias, vídeos, escrita, entre outras, na maioria dos casos, passa a ser parte integrante da obra e muitas vezes passa a ser elemento de grande relevância para uma melhor compreensão da obra.

No que concerne à função social da arte, Denardi apresenta três níveis distintos: a arte elitista, a popular e a humanizadora. A arte elitista está relacionada ao conhecimento ou ao saber erudito. Este tipo de arte se diferencia pela própria linguagem, uma vez que as concepções da realidade apresentadas tornam-se menos acessíveis a pessoas que produzem e apreciam a arte popular. Já a arte popular está relacionada a realidade cultural de cada região, seus mitos. Os artistas retratam o interesse coletivo, passando de geração em geração, como forma de perpetuar a realidade nela representada. É o resultado de uma produção sem qualquer preocupação com o público consumidor, no sentido de qualificar ou desqualificar, tendo apenas uma visão mercadológica, se utilizando dos meios industriais de reprodução, sem finalidade ou objetivos educativos. Outro aspecto significativo da arte popular é a sua acessibilidade e apelo ao consumismo através das informações produzidas pela mídia. As obras são produzidas em grande escala e o público é que se adequa, desprovido de qualquer preocupação pedagógica. A arte humanizadora, que como o próprio termo sugere, ela pode ser resultado da

experiência vivenciada tanto pelo produtor a partir do modo como ele retrata ou representa a realidade social, com finalidade de melhorar as relações pessoais, sócio-culturais, através de diversas manifestações artísticas, como, também, pela percepção do observador que se ver reconhecido na realidade representada artisticamente.

Considerando esses três níveis norteadores da função social para a arte, o arte-educador enfrenta um grande desafio, qual seja, o de tornar a arte acessível na escola, independentemente da heterogeneidade do público que a frequenta. Um ensino de artes visuais efetivo deve oportunizar ao aluno a apropriação do conhecimento artístico, de modo que ele seja capaz de interpretar novas e diferentes formas de perceber o mundo e a si próprio.

Fusari e Ferraz (2001, p.22) defende que um ensino de artes que vise contribuir na percepção de arte enquanto objeto estético deve partir da concepção de que arte aponta para uma “articulação do fazer, do representar e do exprimir”.

O texto das OCN (Brasil, p. 170) propõe um ensino de arte que contemple as perspectivas metodológicas mais recorrentes, adaptando-as de acordo com “as demandas de cada contexto”. Para se aplicar esta metodologia, o educador necessita tomar conhecimento das principais tendências metodológicas do ensino da Arte, que são: pedagogia tradicional, escola nova, pedagogia crítica e tecnicismo.

Na pedagogia tradicional, que vigorou entre os séculos XIX e primeiras décadas do século XX, a atuação do aluno se dava de forma passiva, pois ocupava o espaço da sala de aula apenas para absorver o conteúdo repassado pelo professor, sem o direito de questionar. O professor, por ser o detentor do conhecimento, não considerava a experiência vivida pelo aluno. Neste sentido, não ocupava o lugar de mediador entre o aluno e o conhecimento. Nas aulas de artes, as produções eram limitadas a reprodução de um modelo.

Na escola nova, cujo projeto ganhou força nos anos 40, passou a existir um diálogo entre professor e aluno acerca do conteúdo. O aluno era estimulado a pensar e suas ideias eram consideradas. Nas aulas de arte, a criatividade do aluno era estimulada.

Na pedagogia tecnicista, o enfoque da educação é a técnica e os conteúdos objetivando atender uma necessidade do aluno no que diz respeito a inserção no mercado de trabalho. Para tal, esta educação visava promover a qualificação dos indivíduos nos níveis médio ou superior de ensino.

A tendência realista progressista desperta o indivíduo para uma nova consciência no sentido de solucionar os problemas vividos pelas classes trabalhadoras; nessa perspectiva educacional, os agentes do processo (professores e alunos) se nivelavam na busca de solução para os conteúdos.

Considerando essas tendências educacionais, percebe-se que o ensino de arte deve primar por um diálogo entre professor e aluno, de modo que o educando tenha a oportunidade de perceber que a criação artística encontra-se fundada na re-significação da realidade.

Nessa perspectiva, um dos gêneros pictóricos tradicionais mais propícios a re-significação humana é a paisagem, gênero acadêmico utilizado pelos pintores durante boa parte do século XIX. A paisagem deve ser entendida, de um modo geral, como um universo de pesquisa muito amplo, pois o artista se porta como observador e admirador da natureza, pode retirar-se “para o seu mundo privado e preocupar-se com os mistérios do seu ofício” (Gombrich, 1993: 486). Nessa atitude introspectiva e exploratória, o artista consegue transferir para as telas, em forma de estudo, as cores carregadas de emoções, os seus sonhos, as suas idéias, as suas concepções sobre a paisagem real e suas transformações. Forma, assim, uma paleta pessoal, com uma característica cromática própria, tornando a obra a sua identidade, a sua poética. A este respeito, Lützeler (1950, apud Paulino e Soethe, 2005, 2) defende que a pintura paisagística constitui-se em um “um ato do encontro do ser humano consigo mesmo e de sua autoconfirmação, junto à paisagem”.

METODOLOGIA

A experiência foi realizada em uma escola Municipal localizada no Bairro de Manaíra, na cidade de João Pessoa/PB. Considerando que o espaço escolar, transformamos a idéia em projeto intitulado “Parahyba, ontem”. O projeto foi desenvolvido entre os meses de novembro/2008 e fevereiro/2009, no horário noturno, em uma turma piloto composta por 15 estudantes, formada predominantemente por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e por alguns das demais turmas de ensino regular daquela escola.

O projeto foi planejado e executado durante o estágio supervisionado, na disciplina *Prática de Ensino das Artes Plásticas*, do curso de Licenciatura em Educação Artística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação do Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento. As atividades foram realizadas na escola e no ateliê de Rodrigues Lima. A parte da sala de aula foi desenvolvida em várias etapas: visita e observação do espaço escolar para traçar o perfil dos sujeitos colaboradores da pesquisa, apresentar a proposta para a direção da escola e formar a turma piloto; realização de aulas expositivas em que o pesquisador apresentou produções artísticas de alguns pintores paraibanos, destacando a importância das pinturas que tematizam a arquitetura urbana do passado e por fim, a elaboração de desenhos pelos alunos a partir de algum imóvel cuja edificação não corresponda mais ao que está registrado em suas memórias. A parte desenvolvida no Ateliê Rodrigues Lima ficou restrita à produção de pinturas por parte dos próprios alunos em telas e em camisetas. Após esta etapa, os alunos realizaram uma exposição na escola com as telas e camisetas elaboradas. Na noite da exposição, ocorrida em 18.02.2009, os alunos vestidos com as camisetas, explicaram a importância de cada prédio e monumento representado nas telas ao público presente. Compareceram em torno de 90 pessoas à exposição.

Resultados e discussão

Recepção e criação de pinturas em sala de aula

O processo de recepção de telas em sala de aula começou a partir da apresentação de algumas obras de artistas paraibanos, da biografia de cada artista. Os artistas apresentados foram Flávio Tavares, Ivan Freitas, José Hermano Nascimento e Rodrigues Lima.

Flávio Tavares nasceu em João Pessoa/PB, em 1950. É pintor e desenhista. Como indicou Antônio Maia, em 1967, à temática de seus trabalhos prende-se a figuras populares dentro do clima religioso do Nordeste.

Durante a aula, falou-se um pouco das críticas do artista Flávio Tavares em relação à falta de incentivo às artes. Para isso, recorreu-se às entrevistas do artista que revelam sua opinião sobre o assunto. Com relação à produção propriamente dita, Flávio Tavares insere em suas obras os monumentos arquitetônicos a partir de suas memórias pessoais sobre a cidade de João Pessoa. Não faz denúncia contra a depredação do patrimônio público. Enaltece a importância de determinados prédios para consolidar suas narrativas sobre a cidade de João Pessoa. As edificações são pretextos

para a atuação de personagens famosos ou inventados pelo artista, a exemplo do que está representado em *Porta do Sol*, Pintura de Flávio Tavares óleo sobre tela 9m X 3m, instalada na Estação Ciência Cabo Branco - João Pessoa – PB.

Dando continuidade à aula, destacou-se a obra do artista Ivan Freitas, famoso pela representação de paisagens urbanas em suas obras. Natural de João Pessoa-PB, nasceu no dia 7 de Agosto de 1931 e faleceu em 23/05/2006, na cidade do Rio de Janeiro. Em sua ultima fase, Ivan Freitas estava fazendo representações do centro histórico de João Pessoa, retratando pontos da cidade antiga e monumentos desaparecidos a exemplo da antiga Praça do relógio (Atual ponto dos Cem Reis), uma das obras inacabada do pintor.

Outro artista focado que se levou ao conhecimento dos alunos foi Hermano José Nascimento, cujos trabalhos focalizam a temática paisagística, incluindo alguns monumentos arquitetônicos como parte do cenário. Em suas obras, Hermano José prima pela preservação da paisagem urbana pessoense, como em *Engenho Baixa Verde, Serraria PB, 1922*.

Para finalizar a aula, também foi apresentado parte da produção de Rodrigues Lima cuja obra é prioritariamente focada na paisagem urbana e rural, destacando em uma série de trabalhos diversos monumentos arquitetônicos, uma boa parte demolida. Sua obra explora paisagens imaginárias, pautadas em registros históricos sobre a cidade de João Pessoa. Rodrigues Lima confronta, também, a paisagem do passado que deixou de existir no presente.

Em alguns de seus trabalhos, Rodrigues Lima busca representar a memória das cidades antigas. Pintou a cidade de João Pessoa antiga na série *Parahyba Ontem e hoje*. A exposição levou ao público uma reflexão sobre as transformações arquitetônicas sofridas pelas construções da Paraíba ao longo de sua história. Suas pinturas mostraram vários monumentos desaparecidos (coretos, igrejas, praças e edificações). A série, composta por 20 obras, passou a ter repercussão nacional, após serem projetados nas estampas dos cartões telefônicos de uma empresa de telecomunicação, a Telemar.

Processo de criação na sala de aula

Para o alunado começar a esboçar as fachadas dos prédios desaparecidos, tornou-se necessário pesquisar as fotografias de monumentos arquitetônicos antigos. Após essa etapa, tentaram representar os monumentos demolidos em um suporte de madeira ou tela confeccionado pelos próprios alunos

em sala de aula. Durante a elaboração inicial dos desenhos, denominados croquis, procurou-se trabalhar com o que se tinha disponível no momento: lápis e papel, material existente na mochila de qualquer estudante.

Para que o trabalho em desenvolvimento fosse mais envolvente e participativo, os estudantes foram reunidos em grupos de cinco pessoas para trabalharem de forma coletiva. Cada grupo produziu uma pintura em Eucatex, totalizando cinco painéis retratando diferentes fachadas de prédios que foram demolidos. Ao final atividade, solicitou-se um relatório contendo opiniões de cada estudante sobre as aulas.

Nestes relatórios, estão registrados comentários surpreendentes. Uma aluna, que mora em uma cidade do interior da Paraíba e atualmente reside e trabalha como doméstica em João Pessoa, escreveu:

Estas aulas são para mim uma descoberta muito grande sobre a nossa capital. Estou muito feliz porque estou conhecendo uma parte da história da cidade de João Pessoa, que ainda não conhecia. Quando eu chego em minha casa, fico falando para os meus familiares o que estou aprendendo aqui nesta aula. Está sendo muito bom!

A concentração de cada estudante durante o processo de elaboração foi exemplar e admirável. Para o melhor desempenho dos estudantes durante as atividades de pintura, previstas no projeto, as atividades foram transferidas para serem realizadas no ateliê de Rodrigues Lima. A transferência foi realizada em pleno acordo com a escola. Considerou-se como uma oportunidade para ter acesso a um espaço com outras propostas educativas, contando, inclusive, com a apreciação de obras de arte produzidas pelo artista, cuja produção tinha afinidade com o que estavam realizando.

Processo de criação no ateliê Rodrigues Lima

Quando os alunos chegaram ao ateliê foi muito interessante observar o comportamento de cada estudante envolvido no trabalho. Ao visualizarem as obras existentes sobre temática similar, produzidas por Rodrigues Lima, passaram a compreender melhor a relevância dos seus próprios trabalhos, realizados em sala de aula. Passaram a ver os seus desenhos com outros olhos, tendo uma referência bem próxima a partir da comparação com obras de um artista que conquistou algum reconhecimento. Tornou-se visível a empolgação relacionada com a proposta que estavam desenvolvendo. As perguntas e os questionamentos foram inevitáveis. O tema abordado permitiu um diálogo com outras áreas de conhecimento como, por exemplo, a História e a Arquitetura.

A ida ao ateliê tornou bem mais fácil o entendimento sobre o processo que estavam vivenciando, pois tinha uma outra referência de produção artística.

As aulas foram ganhando mais significação, sobretudo a partir do momento em que começaram a construir as telas, após transpor os “croquis” desenhados antes, compondo os detalhes das fachadas de cada prédio demolido.

Um aluno, que sempre demonstrou ter pouco interesse nas várias disciplinas em sala de aula, conforme depoimento fornecido por outros professores, foi um dos mais empenhados em todas as atividades do projeto. Chegava com pontualidade e demonstrava muito interesse em todas as aulas. A respeito da proposta, ele afirmou:

Achei muito boa essa idéia, eu nunca tinha tido uma oportunidade assim. Sou um cara que gosto muito de desenhar e de música. Estudar assim é muito bom, fazendo arte. Pensei até que não existia essa possibilidade, mas agora eu estou vendo que através da arte a gente pode aprender muitos outros assuntos.

Os indicadores de avaliação, nesta aula, foram a capacidade de estabelecer relações entre o que o estudante estava realizando em sala de aula com a produção artística, encontrada no ateliê de Rodrigues Lima, versando sobre a mesma temática. A avaliação ainda abrangeu o resultado do trabalho realizado, visível nos desenhos e pinturas produzidas por cada equipe. Incluiu também a sistematização das idéias e sentimentos vivenciados durante o processo. Os indicadores empregados apontam que o objetivo da aula, de executar, em equipe, as pinturas dos monumentos e prédios desaparecidos da cidade de João Pessoa e estabelecer relações entre os trabalhos realizados em sala de aula com os encontrados no ateliê de Rodrigues Lima, com a mesma temática, foram plenamente atingidos.

Pintando monumentos arquitetônicos demolidos em óleo sobre tela

Na etapa da realização das pinturas nas telas (eucatex), dividiu-se o número de alunos presentes pela quantidade de trabalhos a serem produzidos, proporcionando uma produção coletiva. O objetivo era que todos pudessem participar do processo de elaboração das obras. Explicou-se sobre as técnicas de pintura, tipo de tintas, suas cores e as telas específicas que podem ser exploradas.

Durante o processo de elaboração das pinturas em telas, no momento da representação das edificações em perspectiva, orientou-se como construir um desenho com a ilusão de profundidade e

tridimensionalidade. Era visível a expressão de alegria à medida que cada estudante conseguia construir um desenho usando uma perspectiva “matemática”, tonal ou atmosférica, associada à sobreposição das cores.

Ao perceberem que existiam alguns procedimentos técnicos para se construir os desenhos, os alunos expunham suas dúvidas e teciam comentários sobre o assunto discutido na aula, a exemplo de:

- *Professor, eu nunca imaginei que um dia ia conseguir construir um trabalho como este.* Disse uma aluna, empolgada.
- *A partir de agora eu vou começar a desenhar as coisas que vejo, por que a gente começa a ver o mundo de uma forma diferente.* Afirmou outro aluno.

Para dar ênfase aos prédios demolidos nas pinturas, resolveu-se deixá-los esboçados em branco, apenas desenhados. A paisagem que os circundava, para contrastar, foi pintada. A intenção era imprimir uma conotação de que os prédios demolidos representados são “fantasmas arquitetônicos”. Sua existência só é possível em imagens ou na memória das pessoas que os conheceram.

Pinturas em camisetas dos prédios demolidos

Com a finalidade de conferir maior visibilidade ao protesto sobre os prédios demolidos da cidade de João Pessoa, resolveu-se pintá-los também em camisetas. Foi uma maneira de proporcionar que as pessoas de outros bairros, de outros centros e cidades também tivessem acesso ao protesto desses artistas, em potencial, contra as demolições do patrimônio histórico e cultural pessoense. Tornou-se possível dizer que os estudantes realmente “vestiram a camisa do projeto”.

Nesta aula, os estudantes puderam conhecer alguns passos para se montar uma exposição. Foram enfatizados os seguintes critérios: escolher um tema para a exposição; escrever um texto de apresentação para que o expectador possa entender qual o objetivo do trabalho exposto; fazer uma curadoria dos trabalhos que deverão participar da exposição, evitando o excesso de informações; procurar fazer a distribuição das obras de forma seqüenciada e estratégica no espaço disponível evitando a poluição visual despropositada.

Os estudantes compreenderam que, a partir desses critérios, seria montada uma exposição na escola com as telas ou painéis realizados. A exposição dependeria da participação de todos. Na ocasião, todos deveriam vestir as camisetas, que identificaria a equipe envolvida com o projeto.

A exposição “Parahyba ontem”

Levando em conta os critérios previstos para a montagem de uma exposição, a equipe desdobrou-se para cumpri-los. A exposição foi montada na escola com o resultado de toda a produção artística dos estudantes, representando os monumentos arquitetônicos desaparecidos ou demolidos da cidade de João Pessoa/PB. A exposição também foi intitulada “Parahyba Ontem”.

Os estudantes participaram de todo o processo de montagem da exposição. Ajudaram a escolher o ambiente, optando pelo pátio onde é servida a merenda. Realizaram ainda as seguintes ações: a) curadoria das obras; b) disposição dos cavaletes no espaço físico disponibilizado pela escola; c) seqüência das obras nos cavaletes buscando uma melhor coerência; d) busca e definição de ponto estratégico para fixar o texto de apresentação da exposição; e) sonorização do ambiente; f) distribuição de monitores durante o período de visitas à exposição; g) elaboração de convites com o objetivo de envolver toda a comunidade na visita ao evento.

Foi empolgante a participação dos estudantes em todas as etapas do projeto. A participação da comunidade, visitando a exposição, foi fundamental visto que contribuiu significativamente para consolidar a percepção dos estudantes sobre a importância do trabalho que desenvolveram em sala de aula. No dia da exposição, 18.02.2009, a partir das 19h, os estudantes vestidos com as camisetas, explicaram a importância de cada prédio e monumento representado nas telas ao público presente.

A visita da comunidade à exposição na escola, momento de interação do público externo com a instituição educadora, superou as expectativas. Todos os visitantes ficaram curiosos e, a um só tempo, externaram seus questionamentos a respeito do tema escolhido. Algumas pessoas faziam anotações. O pátio da escola serviu como espaço expositivo, permitindo que as pessoas da comunidade também tivessem a oportunidade de aprender e ter conhecimento sobre o tema em foco.

As camisetas pintadas foram de fundamental importância, pois as estampas não ficavam estáticas em um cavalete. Além de dar um caráter de uniforme aos participantes do projeto, também tiveram a especial função de estender a exposição além dos “muros da escola”, adentrando às ruas da cidade de João Pessoa e das demais cidades da Paraíba, de onde provinham muitos dos estudantes. É válido ressaltar que os próprios estudantes explicaram os objetivos e as etapas do projeto a todos que visitaram a exposição. Alguns dos resultados das telas encontram-se a seguir:



FIGURA 1: Antiga Praça do relógio (Atual ponto dos Cem Reis). Pintura elaborada pelos estudantes participante da exposição. Fotos: Foto do arquivo particular de José Iremar, (fevereiro de 2009).



FIGURA 2: Igreja das Mercês - Pintura elaborada pelos estudantes participante da exposição. Fotos: Foto do arquivo particular de José Iremar, (fevereiro de 2009).

Durante a exposição, para se ter uma noção de quantas pessoas visitaram o evento, providenciou-se uma lista de assinaturas. Constatou-se que houve a participação de mais de noventa expectadores envolvendo escola e comunidade. Essa participação significativa para o turno noturno, uma vez que a exposição estava prevista para uma única noite, superou as expectativas.

A exposição despertou nos estudantes e demais membros da escola e da comunidade um maior interesse pela arte. Chamou a atenção de todos para a preservação da memória histórica e cultural de nossa cidade, alertando para a demolição de prédios relevantes para a arquitetura brasileira e paraibana. Isso ficou evidente nos comentários e questionamentos ao longo do projeto e durante a visita à exposição realizada na escola.

CONCLUSÃO

Analisando todo o processo de desenvolvimento do projeto, desde as primeiras tarefas em sala de aula até o momento de ser compreendido por cada estudante, como ficou demonstrado na exposição, foi possível constatar uma enorme carência cultural. O projeto ajudou a amenizar um pouco essa carência, mas é muito pouco diante do que pode ser realizado.

Em razão dos enormes obstáculos que estudantes trabalhadores, especialmente os estudantes do ensino noturno, enfrentam para ter acesso à leitura, para realizar visitas a museus, galeria de artes, bibliotecas, entre outros meios de enriquecimento cultural, é importante destacar a importância do incentivo dos órgãos públicos competentes e dos seus educadores, especialmente os professores de Artes Visuais, para a democratização da arte e da cultura.

Durante as aulas, percebemos o interesse dos estudantes e das pessoas da comunidade por arte e por cultura. Comprovamos que o distanciamento da arte e da cultura decorrem, dentre outros fatores, do desconhecimento do assunto exposto ou apresentado. Faz-se necessário que a administração pública priorize o desenvolvimento de políticas para enriquecer a cultura e, simultaneamente, favorecer a compreensão do que está sendo visto. Quem tem familiaridade artística e cultural compreende melhor a si mesmo, o outro e a história de sua região e da sua cidade.

A partir do esforço despendido para a realização do projeto *Parahyba Ontem*, entende-se que são viáveis e possíveis iniciativas comprometidas com a democratização da arte e da cultura. É fundamental favorecer e oportunizar, especialmente na escola pública, experiências ampliadoras de novos horizontes culturais.

Os estudantes, depois de participarem do projeto *Parahyba Ontem*, passaram a dar importância à história da cidade de João Pessoa e aos monumentos arquitetônicos existentes na cidade. Ficaram desejosos de continuar investigando sobre o tema explorado. Após a realização do projeto, a direção

da escola enfatizou que é possível desenvolver outros trabalhos em sala de aula, promovendo a interdisciplinaridade. As aulas podem ser mais atrativas para os estudantes, menos cansativas para os professores e mais produtivas e significativas para a comunidade escolar e para a comunidade em geral.

A relevância do projeto consistiu, principalmente, em ter oportunizado aos estudantes adultos, da EJA e do ensino noturno, a compreensão e valorização do patrimônio histórico e artístico, desaparecido da paisagem da cidade de João Pessoa. O projeto também faz um alerta no presente, faz ecoar um grito contra a depredação do patrimônio histórico e cultural da cidade de João Pessoa. É uma modesta atitude que pode revelar e desvelar, caso tenha continuidade e desdobramentos, uma nobre “altitude”, especialmente se contribuir para que os cidadãos pessoenses estejam mais atentos e empenhados na preservação do seu patrimônio artístico e cultural, que não é só dos paraibanos, mas de toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

- Argan, G.C. (1995). *Arte e Crítica de Arte*. Lisboa: Editorial Estampa;
- Barbosa, A.M. (2002). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez;
- Barbosa, A.M., & Cunha, F.P. (Org.). (2010). *A abordagem triangular no ensino da Artes e cultural visuais*. São Paulo: Cortez;
- Brasil. (2006). *Orientações curriculares para o Ensino Médio: conhecimentos de arte*. Ministério da Educação: Secretaria da Educação Básica;
- Chauí, M. (1996). *Convite à Filosofia. 2ª ed.* São Paulo: Cortez;
- Denardi, C. (2010) *O ensino da arte nas escolas e sua função na sociedade contemporânea*. Disponível em: www.opet.com.br/.../ acesso em 23 de agosto de 2010;
- Fusari, M. F. R ; Ferraz , M. H. C. T. (2001) *Arte na Educação Escolar. 2ª ed. Revista*, São Paulo: Cortez;

Gombrich, E. H. (1993). *A História da Arte*. Trad. Álvaro Cabral. 15ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara/Koogan S.A;

Lacoste, J. (1986). *A filosofia da arte*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor;

Marques, I.A. (2001). *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. São Paulo: Cortez;

Pedrosa, M. (1986). *Mundo, homem, arte em crise. 2ª edição*. São Paulo: Editora Perspectiva;

Piaget, J. (1975). *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar;

Pillar, A.D. (Org.). (1999). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Meditação